

FHC recusa-se a falar sobre a crise do PSDB

Luis Eduardo Leal e César Felício
de Brasília

O presidente Fernando Henrique Cardoso procurou ontem desassociar-se das disputas internas de seu partido, o PSDB, deslanchadas pelo discurso de Ciro Gomes como candidato de oposição à presidência e aprofundadas pela saída do ministro das Comunicações, Sérgio Motta, da Executiva nacional do partido.

Ao ser questionado sobre a crise tucana, após assinar, no Palácio do Planalto, medida provisória que amplia os incentivos fiscais à produção cultural, Fernando Henrique respondeu: "Eu só quero falar de administração, de cultura. De política, não. Deixem a política para o Congresso, para os partidos". Depois, comentou que os problemas no front político "não são meus". "Não estou ocupado com essas coisas do cotidiano. Não sei nada de política", desconversou.

Mesmo assim, Fernando Henrique teve que enfrentar ao menos uma situação ao longo do dia de ontem em que a política foi o prato forte: o pedido de demissão do ministro extraordinário de Assuntos Políticos, Luiz Carlos Santos, que entregou o cargo por estar trocando, na sexta-feira, o PMDB pelo PFL. O presidente resolveu o assunto com uma lógica simples: pediu ao ministro que permaneça por mais algum tempo na função, a fim de que se definam algumas votações que considera importantes na Câmara. Cumprida esta missão final, Luiz Carlos Santos será liberado e o seu cargo no Planalto, extinto.

A decisão não chega a causar comoção porque a atuação de Santos à frente daquele ministério vinha obscurecida há algum tempo, especialmente depois da divulgação, durante a tramitação da emenda da reeleição, de uma lista de deputados do PPB supostamente devedores do Banco do Brasil, o que despertou uma troca de acusações nos bastidores entre Santos e o secretário-geral da Presidência, Eduardo Jorge, sobre a autoria do vazamento.

Mesmo ausente, Sérgio Motta continuará sendo o foco das atenções na reunião de hoje da Executiva tucana. Segundo o líder da bancada no Senado, Sérgio Machado (CE), um dos temas a serem discutidos será a expulsão

do ex-governador baiano Nilo Coelho - a admissão dele levou Motta a deixar o partido. "A expulsão ainda está em pauta. Não há prazos que proibam que qualquer pessoa seja excluída dos quadros do partido", afirma Machado. Já o secretário-geral do PSDB, deputado Arthur Virgílio Neto (AM), insiste que o tema Nilo Coelho sequer será mencionado. "Isto é uma matéria absolutamente vencida. O Nilo Coelho não será expulso", diz.